

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

FOLHA QUINZENAL

4.º ANNO	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO)		PORTO—1 DE MARÇO DE 1881	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO)		N.º 23
	(REINO)			(ESTRANGEIRO)		
	Trimestre.....	350 réis		Trimestre.....	600 réis	
	Semestre.....	700		Semestre.....	1,200	
Anno.....	1,400	ESCRITORIO — FERNANDES THOMAZ, 128	Anno.....	2,400		

BOMBA DE INCENDIO APERFEIÇOADA MANOBRADA A BRAÇO, DE SHAND MASON & C.ª

(V. pag. 181)

A bomba que a nossa gravura representa é um dos melhoresapparehos construidos pela casa Shand Mason & C.ª, que tem as suas officinas em 75, Upper Ground Street, Blackfriars Road, em Londres e que é uma das primeiras casas do mundo na fabricação de apparehos contra incendios, já pela excellencia dos seus productos universalmente reconhecida, já pela antiguidade da sua casa fundada em 1774.

A bomba que apresentamos é uma prova evidente da nossa asserção.

Os apparehos contra incendio de Shand Mason & C.ª manobrados a braço, são o resultado d'uma experiencia practica adquirida pelos seus predecessores e por elles mesmos no decorrer de uma centena d'annos durante os quaes ninguém os excedeu na construção d'este genero d'apparehos mecanicos o que attestam grande numero de medalhas d'honra e de menções honrosas.

O fim que se propozeram foi o fabricar apparehos cuja construção fosse o mais simples possivel, podendo ser postos instantaneamente em acção, não importa em que circumstancias, servindo-se d'agua lodosa e até barrenta.

Em todos os paizes se encontram os productos de Shand Mason & C.ª e diga-se de passagem que em 1878 só os bombeiros de Londres empregavam 76 d'estes apparehos manuaes todos com viatura.

A bomba que a nossa gravura representa é para ser tirada por dous cavallos. Sobre a conveniencia, diremos melhor, necessidade, de que todos os trens de incendio sejam tirados por animaes, temo-nos pronunciado por mais d'uma vez para ainda agora voltarmos a esse assumpto.

Pensamos faser um bom serviço, cumprindo ao mesmo tempo o nosso programma, aconselhando ás companhias de bombeiros que por ventura se venham a estabelecer na nossa terra a aquisição d'uma d'estas maquinas, como das melhores até hoje conhecidas.

Estas bombas tem uma projecção de 33, 36, 37 $\frac{1}{2}$, 39, 42 e 45 metros quando trabalhadas por 16, 22, 26, 39, 36, e 46 homens tendo simultaneamente um rendimento de 363, 454, 522, 609, 790 e 990 litros por minuto.

Socorro contra o fogo

Meios praticos para a extincção dos incendios e salvação de pessoas e haveres

(Continuado do n.º 22)

Fogos d'oleos, d'essencias, d'espiritos e de gaz d'illuminação

Os oleos mineraes, os espiritos e um grande numero d'essencias expostas a uma temperatura ainda mesmo pouco elevada, emitem vapores eminentemente inflammaveis. São ordinariamente hydro-carburos que constituem com o ar misturas explosivas como o *grisou*.

Quando o fogo se declara n'estas materias ou no gaz d'illuminação é da maior importancia provocar primeiro que tudo uma corrente d'ar que varra de prompto os vapores do logar onde elles se achem concentrados: torna-se inevitavel a explosão sem este cuidado. Abafam-se depois as chammas cobrindo-as de terra, ou com pannos conservados n'um estado conveniente de humidade.

Como em muitas localidades e principalmente nas grandes cidades, nem sempre se tem a mão materias ou substancias analogas, poder-se-ha em caso necessario levantar algum lagedo das ruas, para se utilizar a areia que elle cobre.

Em todo o caso o emprego directo da agua n'essas circumstancias é sempre perigoso e prejudicial: perigoso, porque faz resaltar corpos incandescentes que muitas vezes vão ferir os que trabalham na extincção: prejudicial, 1.º, porque essas mesmas chispas estendem o fogo: 2.º, porque a agua projectada augmenta necessariamente a vehiculidade do liquido inflammavel o qual, ficando na superficie da agua, estende-se rapidamente a uma grande distancia e penetra em locais onde d'outro modo não chegaria.

O jacto ordinario da agulheta não deve ser pois utilizado n'este caso; sel-o-ha para dellender as peças ou compartimentos proximos e para molhar suavemente, fazendo lá chegar a agua em rícochete, as materias que cobrem o oleo inflamado. A agua não tem egualmente efficacia sobre uma fuga de gaz que se incendiou. Quando estes accidentes se declaram, dever-se-ha impedir a chegada do gaz quer seja interceptando a comunicação com os tubos da rua, quer seja fechando o contador ou torneira de segurança, quer seja mesmo amassando os tubos de chumbo interiores, ou tapando a abertura por onde o gaz foge.

Para a extincção dos grandes incendios de petroleo, julgamos dever fazer as recommendações seguintes:

1.º Nunca se collocar por cima do local em chammas, porque n'um momento a producção d'uma superabundancia de gaz pôde provocar uma explosão e fazer desmoronar o edificio.

2.º Nunca se aproximar do foco do incendio porque á medida que os barris reventam, o fogo avança subitamente e põe assim continuamente em risco os que trabalham na faina.

3.º Guardar sempre uma retirada facil para se pôr fora do alcance das chammas sempre violentas, se o vento viesse a mudar de direcção.

4.º Desalojar immediatamente as materias inflamaveis ou explosivas que se achem nos subterraneos ou nas casas ameaçadas pelo fogo, já se vê se nisto não houver perigo algum.

5.º Quando o incendio chegar a um local onde estejam barris ou quaesquer vasos não convem mecher-lhes com receio de augmentar o incendio se acontecesse quebrarem-se. Para os proteger cobrir-se-hão d'uma camada de terra ou de serradura molhada. A remoção só se fará quando não houver mais vestigio de fogo, nem calor e que os gazes inflamaveis tenham sido expulsos por uma conveniente ventilação.

6.º Quando nas proximidades do incendio haja locais onde o oleo a arder possa penetrar no solo, fechar-se-hão as communicações com o gaz d'illuminação da localidade.

7.º Se o petroleo inflammado ameaça correr n'uma bacia, n'um canal, ou n'um rio onde possa incendiar as construcções e os navios, procurar-se-ha estabelecer á pressa uma barreira, que lhe possa deter os passos, quer seja antes de chegar á agua por meio de diques, quer seja mesmo na agua por meio de pranchas guarnecidas de folhas de ferro.

8.º As retortas onde se distilla o schisto são munidas na sua parte anterior d'um largo tubo de sahida dos vapores ou dos gazes e na sua parte posterior de portas ou tampas de ferro, muito solidas e barradas para prevenir os casos de incendio ou de explosão. Se o fogo se declarar n'estas officinas dever-se-ha ter bem cuidado de não tapar os tubos de sahida, porque n'esse caso os gazes não encontrando caminho poderiam fazer reventar os fornos. Do mesmo modo é sempre imprudente abrir as portas de ferro porque a entrada do ar nas retortas, pôde em certas occasiões provocar uma terrivel explosão.

Durante todos os trabalhos em meios inflamaveis, ter-se-ha toda a cautella em não fazer uso de luses a menos que não se tenha á disposição lampadas chamadas de *segurança*.

Fogos de chaminé

Bem reconhecida a parte da chaminé onde esteja a fuligem incendiada, lançar-se-ha n'uma fogueira, inferior á essa parte, dous ou tres punhados de flor de enxofre (de 150 a 300 grammas) ¹ segundo a intensidade do fogo, tendo cuidado de tapar a porta do fogão e vigiando que ella não seja aberta. ²

¹ A falta de enxofre podem ser empregados alguns punhados de sal commum.

² Em algumas cidades ha algum tempo que substituem a flor de enxofre pelo sulfurio de carbone para combater os fogos de chaminé. Sem contestar as vantagens d'esta substituição pelo

O anhydrido sulfuroso desenvolvido pela ignição do enxofre absorve no tubo uma grande parte do oxigenio que alimentava a combustão: o fogo privado assim do seu principal agente extingue-se ou pelo menos diminui de intensidade.

Para que esta acção seja efficaz é indispensavel que haja muitas brasas no fogão, que sobre ellas se lance toda a flôr de enxofre, que se reduza a gaz simultaneamente e que o ar da chaminé se não possa renovar por baixo.

Em quanto o enxofre faz o seu effeito mandar-se-ha um homem visitar os locais que atravessa o tubo da chaminé, para se certificar do seu estado, ver se não existem aberturas e procurar os logares perigosos pasceando as mãos sobre a parede no sitio onde passam os tubos e tapar com rodilhas molhadas ou outros corpos semelhantes as feudas, respiradouros, resfolgadores e em geral todas as aberturas do tubo.

No caso da chaminé ter communicação com outras proceder-se-ha n'ellas e no mesmo momento á operação que acabamos de descrever.

Quando se julgar que o enxofre produziu o effeito desejado levar-se-ha para o telhado um balde d'agua. Ahi, dobrar-se-ha um panno que ocupe a largura do tubo da chaminé, prender-se-ha a uma cadeia munida d'um peso, e depois d'esse panno perfeitamente molhado introduzir-se-ha no tubo. Deixar-se-ha em seguida descer o mais possivel o apparelho, imprimindo-lhe sempre pequenos empuxões de baixo para cima.

Havendo difficuldade em tirar-o, deitar-se-hão no tubo alguns litros de agua para o desprender. Da mesma forma se procederá quando se julgar que a rodilha se incendiou.

No caso em que não haja sahida para o telhado e que a construcção não permita chegar á cabeça da chaminé sem que isso offereça grande perigo, far-se-ha um rombo no tubo no logar que mais favoravel pareça, para a manobra. Limpa assim a chaminé, tiram-se successivamente as placas horisontaes do tubo. N'ellas se junta ordinariamente a fuligem incendiada que

que respeita á rapidez da extincção, declaramo-nos partidarios do antigo systema, no qual não falham os mesmos resultados n'um espaço de tempo insensivelmente mais consideravel. A flôr d'enxofre é de preço menos elevado que o sulfurio de carbone: é inoffensiva, conserva-se, transporta-se e manipula-se mais facilmente.

O sulfurio de carbone e de enxofre, volatiza-se até com a temperatura ordinaria, inflamma-se muito facilmente e arde produzindo vapores compostos de $\frac{2}{3}$ d'anhydrido sulfuroso e $\frac{1}{3}$ d'anhydrido carbonico: esses gazes, se bem que uns e outros improprios á combustão, formam uma mistura que se torna detonante em presença d'uma certa quantidade d'oxigenio ou d'ar.

Considerando no entanto o partido que os particulares podem tirar do emprego d'esta substancia para a extincção dos fogos e para faciilitar as experiencias tendentes a introduzir á sua applicação na arte do bombeiro, julgamos util fazer aqui conhecido o processo usado em Paris. Consiste elle em queimar cerca de 100 grammas de sulfurio de carbone no fogão a que a chaminé corresponde, lançando primeiramente esse sulfurio em dous ou tres pratos concavos, para que a combustão se produza n'uma area relativamente extensa.

Para diminuir o perigo que ha em fazer usar pelos bombeiros o sulfurio de carbone, divide-se esse liquido em quantidades de 100 grammas em frascos bastante grandes para conservar o vacuo necessario á grande expansibilidade da materia. Esses frascos são ligeiramente tapados com panno guarnecido de cera virgem. Collocar-se-hão n'um local onde não haja fogo ao abrigo do calor produzido por um fogão que lhe fique proximo ou mesmo pelos raios solares. (O sulfurio de carbone ferve a 47° centigrados).

se faz cahir por meio d'uma vassoura de vidoeiro para mais facilmente se apagar.

Em França servem-se ainda d'um outro meio menos expedito para apagar os fogos de chaminés. Um panno molhado é estendido de tal modo que se adapta perfeitamente sobre os umbraes e sobre a prateleira do fogão cobrindo-o completamente.

Em seguida pucha-se e larga-se alternadamente este panno para produzir uma corrente d'ar para o interior durante o primeiro movimento e uma reflução para o exterior durante o segundo. Este vae-vem da columna d'ar faz cahir a fuligem em baldes cheios d'agua collocados sobre o fogão.

Quando o fogo se manifesta em tubos fundidos ou de grés é facil extingui-lo visto não haver difficuldade em interceptar o ar exterior, mas se por um motivo qualquer não se conseguir dominal-o de prompto nunca se deverá lançar agua no tubo. Fal-o-hia rebentar a passagem subita do calor ao frio o que provocaria muitas vezes grandes perigos e occasionaria tambem sempre muitos prejuizos.

O uso de limpar as chaminés fazendo disparar nos tubos armas de fogo é mais perigoso que efficaz. E' verdade que o grande abalo produzido na columna d'ar faz cahir a fuligem, mas tambem causa frequentemente fendas pelas quaes o fogo se pode communicar aos madeiramentos e travejamentos.

Tambem não é conveniente tapar hermeticamente as chaminés nas duas extremidades, porque o ar assim cumprimido pode, aquecendo e dilatando-se proporcionalmente, fazer rebentar o tubo e dar causa aos mesmos accidentes.

(Continua.)

ESTATISTICA DOS INCENDIOS NO IMPERIO DA RUSSIA DE 1860 A 1874

O Comité central de estatistica recolheu os dados sobre os incendios na Russia no espaço de quinze annos, desde 1860 a 1874. O *Mensageiro official* apresenta esses dados sob a forma d'um quadro que infelizmente não está completo, faltando as informações sobre o reino da Polonia, sobre o Caucaso, sobre o territorio dos Cossacos do Don, bem como as relativas ás cidades de S. Petersburgo, Cronstadt, Nicolaiev, Kertch e Jénikalé. Do que se segue que os seguintes algarismos são um tanto inferiores á realidade.

A media annual dos incendios foi n'esses quinze annos, de 1:767 casos para as cidades e de 16:271 para o campo: o numero dos edificios incendiados, foi nas cidades de 4:941 e no campo, 71:508: emfim as perdas occasionadas pelos sinistros são avaliadas em 8:353:971 rublos para as cidades e em 24:754:394 rublos para o campo. Dever-se-ha pois tomar como media, por incendio, tres edificios affectados nas cidades e 4 e meio no campo: as perdas nas cidades foram de 4:897 rublos por incendio e no campo de 1:521 rublos, ou seja por edificio 1:751 rublos nas cidades e 346 rublos no campo.

Apresentando esses algarismos por grupos de cinco annos as proporções são as seguintes:

Numero annual dos incendios:

	1860-64	1865-69	1870-74
Nas cidades.....	1:381	1:646	2:274
No campo.....	10:327	15:007	23:478

Numeros de edificios affectados:

Nas cidades.....	4:833	4:776	5:804
No campo.....	52:024	67:494	92:859

Perdas annuaes em rublos:

Nas cidades..	7.475:717	7.205:309	11.280:455
No campo..	18.959:318	21.919:987	34.386:095

Numero de edificios affectados:

Nas cidades.....	3.64	2.90	2.15
No campo.....	5.03	4.49	3.95

Perdas por incendio (em rublos):

Nas cidades.....	5:413	4:337	4:960
No campo.....	1:835	1:460	1:422

Perdas por edificio (em rublos):

Nas cidades.....	1:546	1:508	2:305
No campo.....	364	324	359

Resulta d'este quadro que o numero dos incendios foi em augmento: no segundo periodo quinquenal cresceu nas cidades 19 p. c.; no terceiro periodo 64 p. c.; no campo, 45 p. c. e 127 p. c. Em compensação, diminuiu a força destructiva dos incendios, graças sem duvida ao aperfeçoamento dos processos empregados contra o fogo: a media dos edificios affectados em cada incendio diminuiu no terceiro periodo, comparado com o primeiro, 41 p. c. nas cidades e 21 p. c. no campo. A maior frequencia dos incendios fez no entanto crescer sensivelmente o total das perdas. Unicamente, no segundo periodo quinquenal, esta somma diminuiu 3 1/2 p. c. para augmentar de novamente (53 1/2 p. c.) no terceiro: no campo, este augmento foi de 15 1/2 p. c. no segundo periodo e 76 1/2 p. c. no terceiro.

E' sobretudo no terceiro periodo de 1870-74 que o total dos sinistros e a somma das perdas são enormes. Este augmento não cessou depois visto que a cifra das perdas annuaes attingiu ultimamente 60 e mesmo 80 milhões, em vez dos 26 milhões do primeiro dos periodos examinados acima.

São muito diferentes as consequencias dos sinistros, segundo as localidades. Assim as provincias das fronteiras soffrem mais este flagello do que os governos do centro. Fazendo de conta que a população dos 22 governos situados entre o Volga, a Nova Russia e as provincias do Oeste ascende a 31 milhão, e que as perdas n'ellas occasionadas pelo incendio, foram em quinze annos (exceptuando a cidade de S. Petersburgo) de 82 milhões de rublos e no campo de 236 milhões e meio, vêr-se-ha que as perdas por cabeça d'habitante são de 2 rublos e 61 c. nas cidades e de 7 rublos no campo, ao passo que nos 27 governos restantes, tendo quasi a mesma população (82 milhões e meio,) o total das perdas só foi nas cidades de 47 milhões e meio e no campo de 134 milhões e meio,

isto é, por habitante 1 rublo 46 c. e 4 rublos 14 c., ou cerca de metade das perdas soffridas pelos governos grande-russianos.

As perdas são menos consideráveis nas charnecas do sul, onde as habitações são geralmente de pedra: em compensação, nas charnecas além do Volga, onde abundam as grandes aldeias de madeira, bem como nas provincias d'Oeste, os prejuizos occasionados pelo fogo são consideráveis.

Entre os governos do centro ha alguns que se acham, debaixo do ponto de vista dos incendios, n'uma situação excepcionalmente desvantajosa. Taes são os 13 governos de Pakow, Tvez, Smolensk, Yaroslav, Riazan, Koursk, Orel, Toulva, Tchernigow, Poltava, Kharkow, Tambow e Simbirsk. No terceiro periodo quinquenal, tanto o numero dos incendios (de 15:488 a 35:026) como o total das perdas (de 29 a 65 milhões) augmentaram mais que o dobro. Nas aldeias dos governos de Pskow, Smolensk, Potava e Simbirsk, o numero dos incendios triplicou mesmo. No governo de Yaroslav, a cifra das perdas augmentou tres vezes e meia. N'estes 13 governos (16 milhões d'habitantes) os prejuizos occasionados pelo fogo avaliam-se em 1 rublo por cabeça: no governo de Simbirsk, Tambow, Tchernigow e Yaroslav a mais d'um rublo mesmo. D'este modo os encargos causados ao povo pelos incendios n'estas terras excedem o dobro da taxa da capitação que no entanto passa por ser bem pesada.

O *Mensageiro Official* dá ainda a cifra dos incendios no reino da Polonia relativa aos annos de 1870 a 1874. O numero dos sinistros nas cidades foi de 735: no campo de 9:245: O numero dos edificios destruidos nas cidades foi de 3:683: no campo de 22:006: as perdas soffridas nas cidades subiram a 2.328:716 rublos, nas aldeias a 7.342:558 rublos.

Correspondencia

Lisboa, 27 de Fevereiro 1881

(Do nosso correspondente)

Em quanto que Lisboa se prepara para os folguedos do carnaval vou escrever a minha correspondencia para o *Bombeiro Portuguez*.

É certo que não é grande o interesse que vae inspirar porque a quinzena pouco ou nada nos offereceu que importe aos estimaveis leitores do *Bombeiro*.

No entanto como é forçosocumprir, ahi vae o que sei e bem triste é.

—Victima d'uma tísica pulmonar finou-se hontem o bombeiro municipal de Lisboa, José Antonio da Silva. Era primeiro patrão da bomba n.º 3 e tinha a medalha de prata por ter salvado uma das pessoas no pavoroso incendio na noite de 3 para 4 de agosto de 1873, na rua de S. Lasaro. O finado que apenas contava 38 annos deixa de si como cidadão, memoria honrada e digna e como bombeiro foi um dos mais benemeritos e reputados.

Ao seu funeral feito a expensas da Associação Carlos Barreiros assistiram a prestar-lhe as honras fúnebres uma força de bombeiros municipaes, uma dos bombeiros voluntarios de Lisboa, e outra dos dos Olivaeas.

À beira do tumulo foram pronunciados dois discursos encomiando as virtudes do finado, bem digno d'esses encomios.

Ficou o seu cadaver depositado no jazigo privativo dos bombeiros de Lisboa, no cemiterio dos Prazeres. Honra à memoria do benemerito.

—Em Belem, uns rapazes requereram à administração do concelho para nos dias de carnaval exhibirem uma mascarada parodiando os bombeiros do concelho.

Apraz-nos suppor que a auctoridade negasse a licença, porque embora a brincadeira nada tivesse de offensivo, achamos tão nobres e dignas as corporações de bombeiros, que nem mesmo brincando podemos admittir que d'ellas escarneçam.

C.

Varias Noticias

A companhia dos bombeiros voluntarios de Ponta Delgada contava levar em beneficio do seu cofre no theatro michalaense, a tragedia burlesca a *Sombra do sineiro*.

*

* *

N'um vapor japonês que em principio do mez passado sahia de Osaka para Shimonoseki, declarou-se fogo a bordo, tomando tal incremento, que todas as pessoas que lá iam se arrojaram á agua afim de salvar-se a nado.

O vapor *Tokio Maru*, que se achava á vista, accudiu a prestar soccorros, mas das 82 pessoas que o navio japonês levava a bordo, só 18 lograram ser salvas.

*

* *

Em alguns periodicos lia-se o seguinte:

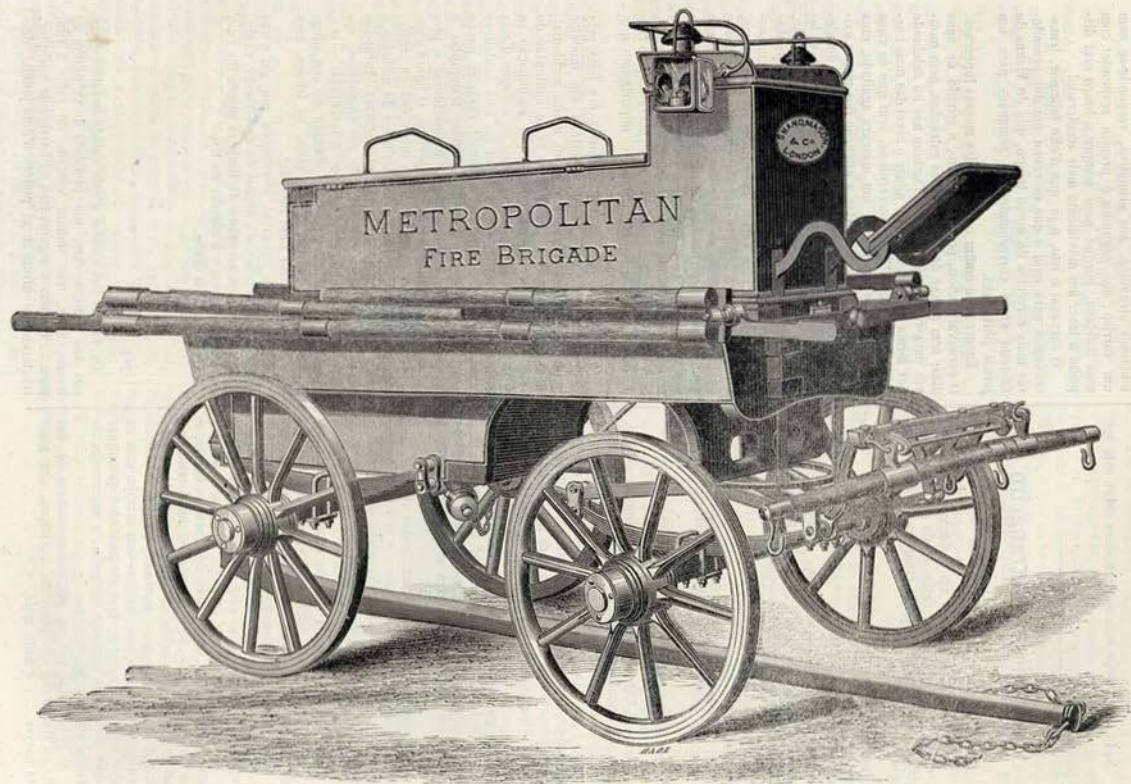
Perto de Paris um trem incendiado corria velozmente pela estrada, arrastado por um cavallo, a que o pavor dava azas. O risco que corriam os viajantes era terrivel: morrerem queimados ou esmagados. Um estalajadeiro comprehendendo a horrivel alternativa, teve a coragem e a destreza bastantes para agarrar n'uma espingarda, apontar ao cavallo e matal-o com um tiro.

Era tempo, porque os viajantes, marido e mulher, tinham já soffrido algumas queimaduras.

*

* *

No dia 18 do mez passado succedeu uma horrivel catastrophe n'um baile de mascaras na capital da Baviera. O circulo dos alumnos da escola de pintura de Munich deu um baile de mascaras. A um dos jovens pintores que andava vestido de esquimão, trajo em que parece que entra grande quantidade de canhamo, pegou-lhe fogo no charuto. O pintor, assustado, correu para um grupo de amigos que tambem estavam vestidos de esquimãos, communicando-lhes o fogo. Em resultado das feridas já morreram quatro individuos de nome Emmerling, Adam, Schnezler e Emhardt, ficando além d'estes mais oito individuos gravemente feridos e mais quatro apenas com algumas queimaduras.



METROPOLITAN
FIRE BRIGADE

SHAND
& CO
LONDON

BOMBA MANUAL DE SHAND MASON & C.^a

REPRODUCED BY THE NATIONAL ARCHIVES

© 1900 NATIONAL ARCHIVES

INCENDIOS NO PORTO DE 15 A 28 DE FEVEREIRO

Nada temos hoje felizmente a dizer sobre esta secção.

Incendios no estrangeiro

No fim do mez passado um violento incendio que se declarou no pensionato catholico de Seranton (Pennsylvania) fez perecer dezeseite creanças das que ali estavam aziladas.

Quinhentas casas da povoação de Guagua, na provincia de Pampanga, nas Philippinas, foram reduzidas a cinzas por um horroroso incendio.

Chronica Quinzenal

Passou o Carnaval, essa coisa sensaborona e reles, que annualmente nos apparece com uma pretensões galhofeiras e espirituosas. D'antes, gozava-se bem n'esta quadra de folia, divertiam-se as familias, nas partidas intimas, nas *soirées* de costumes, nas diversões que se preparavam nos theatros para gaudio da mocidade e distração dos velhotes, cheios de reumatismo, e somno.

Posto que menos civilizados esses tempos, o espirito manifestava-se brilhantemente, um espirito fino, subtil, delicado, innocente, e sobretudo brinçalhão, que fazia rir as meninas, sem as obrigar a voltar o rosto.

Os rapazes organisavam cavalhadas vistosas, luxuosas, com um largo apparatus de trens e acompanhamentos, em que se dispndia muito dinheiro. Brilhavam cavalgatas historicas, com um vigor de chronica severa; consultavam-se alfarrabios, para saber-se se um tal personagem da epocha remota usava bigode ou barba toda, e se tinha a cara lisa ou com algum signal! Eram bons esses tempos, eram. Hoje, chama-se Carnaval a uma coisa porca, que ali anda, umas vezes pelo ar, segundo as apprehensões d'um bispo progressista, outros pelas ruas, enxarcada na lama.

E' uma desgraça este carnaval. Nas ruas, uns *janotas* imbecis, com um *espirito* de zurrapa barata, e um fato muito cheio de remendos — uns *lavradores*, com um molho de nabos na mão, preferindo as sandices do costume — *como pachaste, olé ó labardor*, — e outras semsaborias semelhantes — um marujo, com as unhas negras, a vomitar umas obscenidades quaesquer — uns *pretos*, de camisola vermelha, a espirrarem de quando em quando, etc., etc.

As cavalhadas que se annunciam mettem dó. Em dois ou tres trens uns generaes burlescos, com pierrots parvos, ... e nada mais.

Uma coisa extremamente pelintra.

Nos bailes, a mesmissima sensaboria. Ou se encontram uns pobres diaboas inoffensivos, ou uns pretenhosos atrevidos. Aos primeiros, responde-se com um sorriso: aos segundos é preciso responder com uma bofetada, porque nem sempre o braço está disposto a fazer um movimento mais accelerado!

O carnaval é isto, e já que d'elle fallamos, transcrevemos para aqui o que escreveu um dos prosadores mais correctos do nosso tempo, que de Vianna de Castello envia correspondencias semanaes para um jornal portuense.

Encerrou-se emfim o periodo das mansas lupercaes. O carnaval fechou, por este anno, o circulo de seus dias, sem deixar de si memorias estranhas, nem motivos para referencias tristes. Tambem não foi celebrado por fórma que promettesse altear o nivel das mais burguezas diversões. Não; encerrou-se, sem que se visse por essas ruas um grupo, um mascara ageitado, uma coisa que pudesse despertar a attenção dos menos exigentes. Parece que volvemos, a passos largos, do alegre *carnaval* francez, jovialissimo, espirituoso e facteto, ao velho *entrudo* lusitano, porco, semsaborão, pulha, jogando laranjas verdes, atirando pós e punhados de tremoços, enfarruscando as caras e repuchando, de instrumentos varios, cylindricos ou esphericos, uns liquidos nem sempre agradavelmente olorentos e inoffensivos. Vão-se os espiritos galhofeiros, pura e genuinamente espirituosos, de uma jovialidade authentica e espontanea; — despertam os jogadores do velho *entrudo*, sobraçando panellas feluginosas e sorvendo, com umas seringas de enfermeiro hypocratico, do fundo dos charcos, o liquido viscoso e impurissimo que escorre dos esgotos.

A celebração do carnaval, conforme era feita pela alegria convencional e facil, inspirada em modelos francezes, — estes modelos que só muito accidentalmente nos agradam, — exige uma certa contensão do velho espirito portuguez, que só por assimilação se prolonga e que tende, como todos os esforços d'esta natureza, a fatigar-se e a extinguir-se. Esta contensão é violenta para o caracter nacional; caracter pouco expansivo, mais propenso ás alegrias tranquillias e commodas de casa, que ás folias tempestuosas e provocantes das velhas celebrações jovias. O ligure d'estas paragens não se diverte com invenções de chiste, nem com artes que requerem sacrificios de meneios e não parco estipendio de forças intellectuaes. Apraz-lhe muito mais a folia callaica feita aos empurrões, aos murros, a sarranho, entre apupos e laranjadas — instrumentos e invenções que vão dizendo no seu silencio e nos seus estragos o que elles, os tristes, nem sempre sabem dizer nem inventar.

Entre nós, o carnaval estrebuxou por ahí n'uns arrancos muito comicos; depois de se estorcer, cabiu, e á noite um encarregado da limpeza pegou-lhe com um trapo e atirou-o á carreta do lixo!

Que o leve o diabo.

Os presos das cadéas d'esta cidade ensaiaram em um dos ultimos dias, um processo de se porem ao fresco. Elles, que tinham vontade de sahir á rua, para... metterem alguma faca na barriga de qualquer, tractaram de arrancar as pedras d'uma janella, des-

tocar as grades, para depois, com a cautella que lhes fosse possível, escorregarem por uma corda até à rua.

Houve quem pensasse que os presos ensaiavam uma peça de entrudo, e que a auctoridade, tomando o caso a serio, desenvolveu uma actividade digna de melhor causa.

Não é assim. Os presos preparavam-se effectivamente para tomar o ar que não podem aspirar nas acanhadas prisões em que se acham encerrados, e se não poderam levar a cabo o seu intuito, vontade não lhes faltou.

A verdade a respeito d'este caso é o seguinte:

Um dos presos recolhidos na cadeia, o juiz da prisão onde se procedia ao arrombamento, procurou o director d'aquelle estabelecimento, e disse-lhe que os seus companheiros da prisão de S. José tractavam de evadir-se, por meio de arrombamento da janella que olha para a travessa de S. Bento da Victoria.

Em face d'esta denuncia, o sr. director das cadeias deu-se pressa em prevenir o commandante da guarda d'aquelle edificio, e ordenou a todos os empregados que vigiassem as prisões, e nomeadamente aquella em que se preparava o plano da evasão.

Os presos na sua doce illusão, trabalhavam afanosamente na sua obra; e tanta vontade os animava, que, sem ferramenta alguma, conseguiram deslocar umas pedras do peitoril da janella, afim de arrancarem depois os varões de ferro. Era ardua e difficil, esta tarefa, mas a tenacidade de oitenta e tres individuos, que tantos eram os que se achavam na prisão, podia vencer qualquer obstaculo que viesse contrariar-os nos seus designios.

Emquanto os homenes, todos entregues á sua obra se applaudiam, no antegoso da liberdade que os seus crimes fizeram perder, uma força de infantaria e cavallaria estendia-se em derredor do edificio da cadeia. Um dos presos mettendo casualmente a cabeça pela grade, viu os soldados. Houve um momento de panico. Os presos vendo-se descobertos, olharam-se como perguntando uns aos outros o que em tal conjunctura se devia fazer. Pouco depois, os criminosos faziam sahir pela grade da janella um mono de palha, com um casaco ás costas! Queriam elles fazer acreditar que brincavam uns com os outros, e que, como a noite era de folia, elles que não podiam entergar-se a ella, divertiam-se conforme lhes era possível.

Como era de noite, a appareição do mono deu causa a que os soldados tomando-o por um homem, disparassem. As balas foram cravar-se na janella.

Os presos, em vista da attitude da força, sublevaram-se, e só depois de muito tempo é que se acalmaram um pouco. Todavia, não era facil entrar-se na prisão, porque esse arrojio custaria caro áquelle que o tivesse.

A noticia d'este successo espalhou-se immediatamente pela cidade. Na cadeia compareceram os srs. governador civil, commissario de policia, juiz do 2.º districto criminal, commandante da guarda municipal e ajudante d'ordens do general. O sr. Augusto Maria de Castro, procurador regio, compareceu tambem adoplado, com o sr. director das cadeias, as providencias precisas, e que o caso urgentemente reclamava.

No largo da Cordoaria juntou-se immensa gente, que commentava este facto de modós diversos, augmentando-o sempre, como é de uso e costume quando occorre um successo mais fóra do vulgar.

A guarda da cadeia foi reforçada, ficando a prisão vigiada por uma força de 40 praças de infantaria.

Às 2 horas da madrugada compareceu ainda na cadeia o sr. procurador regio, afim de se inteirar do mais que havia occorrido.

Communicado este acontecimento ao ministerio do reino, o sr. procurador regio tratou immediatamente de retirar da prisão os homenes que tentaram o arrombamento, o que se realisou, não sem alguma difficuldade, e conhecidos os cabeças de motim, aquella auctoridade deliberou removê-los para o Limoeiro, na capital.

Esta resolução foi mal recebida pelos presos, que novamente se amotinaram, soltando gritos sediciosos, e ameaçando quem d'elles se pretendia aproximar. Afim, convencidos da insufficiencia dos seus esforços, protestaram com menos violencia, pedindo misericordia.

Hontem, os presos indicados como chefes da conspiração, em numero de dezenove, receberam ordem de marcha para a capital, devendo estar promptos ás 2 horas da tarde.

Aquella hora, estava formada diante da cadeia uma força de infantaria 10, outra da guarda municipal, e um piquete de cavallaria 6. Como se desconfiasse que os presos tentassem reagir, veio uma nova força de caçadores 9, e um piquete de cavallaria municipal.

Os presos, depois de algemados, foram sabindo para o circulo formado pela escolta que os devia conduzir a Lisboa.

Alguns dos criminosos oppozeram uma resistencia enorme. Um d'elles, appellidado o *Frade*, homem de má indole, condemnado a degredo pelo crime de roubo com escalamento, injuriou grosseiramente todos os empregados da cadeia, ameaçando-os, se voltasse a esta cidade. Quando sahia atirou-se ao guarda-portão e com certeza o maltrataria se não acúdissem logo alguns soldados.

Cerca das 3 horas da tarde, os presos escoltados por uma força de infantaria e de cavallaria, seguiram caminho da estação do Pinheiro, sendo acompanhados por muito povo.

Nas cadeias acham-se actualmente trezentos e seis individuos, espalhados pelas diversas prisões.

E' esta a verdade dos factos.

Os presos que foram indigitados como cabeças de motim, e por esse motivo mudados para as prisões da capital, são os seguintes:

Manoel Nunes, o *Frade*; Antonio de Sousa; Manoel da Silva, o *Sécco*; José Affonso, o *Cancellinha*; Antonio Joaquim Feio Alverca; Francisco Ferreira d'Oliveira Gomes; Albano Cardoso; Manoel Machado Neves; Francisco da Costa; Jorge Eliseu; Alexandre Augusto; Pedro Maria. Antonio José Dias; Antonio Joaquim Louza; José Joaquim Tavares; Carlos Monteiro; Albino Augusto Mangas; Jeronymo Fernandes e Antonio Joaquim Amado.

Parece que a auctoridade superior, em vista d'esta tentativa, vae proceder a obras na cadeia. E bem precisas são. A cadeia d'esta cidade, com um exterior apparatuso, é, lá por dentro uma desgraça. Quem vir as prisões, ha de retirar-se horrorisado: humidas, acanhadas, immundas. N'um espaço onde mal cabem 30 homenes, juntam-se 80 e mais!

E' effectivamente urgente melhorar-se a sorte dos desgraçados que a mão do crime arrastou para uma enxovia.

*

* * *

O dia de entrudo ficou assignalado por um acontecimento dolorosissimo. Alberto Carlos Soares Cardoso, um rapaz distincto pela sua educação e pelas suas qualidades, suicidou-se, disparando um tiro de revolver contra o coração.

Contava apenas 22 annos, o infeliz. Em plena aurora da vida, quando o coração bate com mais violencia, o infeliz matou-se. Era que o coração tinha umas palpações violentas, e tanto, que lhe transviaram a razão!

Caso de amores mal correspondidos, perderam o pobre moço. Aquella alma generosa amava doidamente; a outra alma que elle queria juntar á sua, recusou-se, e o desventurado, na allucinação de momento, pediu a uma bala o fim do seu soffrer.

Um lampeanista encontrou o cadaver do desventurado moço, junto á escola medico-cirurgica. Estava trajado elegantemente. Antes de tão doloroso successo, o infeliz havia estado n'um baile; foi ahí que mão fina de mulher vibrou o golpe, que matou um coração amante.

Pobre moço!

* * *

No theatro de S. João deu-se o beneficio da distincta cantora Gargano. Apesar da festa ser digna da festejada não o entenderam assim alguns *dilletanti*, sinceros admiradores da excellente prima-donna, resolvendo promover um sarau em sua honra na noite de 3 de março. Fiamos que a festa será esplendorosa, porque assim nol'o deixam esperar os cavalheiros que n'isso se empenham. Cantar-se-hão o 2.º 3.º e 4.º actos dos *Puritanos*, as variações de Proch e uma romanza do estimado *virtuose* Eduardo Vianna, *Le cer d'Oberon*.

Os bilhetes estão todos tomados e os nossos amigos Pereira Vianna & C.ª, da praça de D. Pedro, teem-se visto afflictos para não descontentarem os seus muitos amigos e clientes que desejam assistir á festa.

O theatro de S. João deu-nos, nos dois ultimos dias de Carnaval, o formosissimo *spartito* de Rossini *O Barbeiro de Sevilha*. Conhecida é esta opera, para que nos demorem a fallar das suas bellezas.

Na scena da lição, a sr.ª Gargano canta as variações de Proch affirmando mais uma vez os seus creditos de distincta cantora.

A execução foi correcta, sobresahindo mais uma vez a gentilissima cantora Gargano, que creou uma Rosina adoravel.

Farvaro, consciencioso artista que em todas as operas que tem cantado, ha affirmado o seu talento superior, houve-se irreprensivelmente, dando um excellente *factotum della città*. Foi muito applaudido, como merecia.

Signoretti disse bem a sua parte, e Jordá cantou correctamenta a aria da calumnia.

A opera coteve uma execução intelligente, circumstancia esta que devia influir para a empreza a fazer repetir. Rossini não a escreveu para ella ser apenas cantada no Carnaval.

Proseguem n'este theatro os ensaios do *Mephistepheles*, opera que deve subir á scena no dia 16 ou 17 do proximo mez.

* * *

No theatro do Principe Real, representou-se na noite de 24 do corrente o espectáculo por amadores que na noite de 3 ali se déra em beneficio da creche de S. Vicente de Paulo.

N'esta recita, appareceu uma novidade: um Malhão Junior. Uma intelligente creança filha do nosso amigo Guilherme Fernandes, teve as honras da noite pela graça com que se apresentou e disse o seu papel.

Como já dissemos, os bilhetes para este espectáculo que reverteu em beneficio do cofre do conselho de beneficencia, foram arrematados e vivamente disputados produzindo cerca de 200 libras.

Em beneficio do estimado actor A. Wannymel, que foi muito lisongeiramente acolhido pela numerosa plateia que assistiu á sua festa, o Principe Real deu, a final, os *Conspiradores na Córte*, opera comica de Chivot e Duru, musica de Hervé.

A peça é fresca, mas agradou.

O desempenho é bom; Manzoni canta bem a sua parte, e os restantes artistas, na medida das suas forças, desempenharam-se conforme podem e sabem.

A peça está excellentemente traduzida, e o guarda roupa sobre ser bom é de bonito effeito.

Os *Conspiradores na córte* tem chamado ao Principe Real numerosa concorrência e vão pelo caminho dos *Dragões d'El-Rei*.

N'este theatro faz beneficio no dia 14 do corrente, o habil *costumier* José dos Santos que tão bem tem vestido algumas peças que ali temos visto. Representar-se-hão os *Dragões d'El-Rei*.

* * *

No theatro Baquet, annuncia-se para hoje a *Tomada de Bastilha*, em que apparecerá o actor Costa sobre quem nos informam muito lisongeiramente e dar-se-ha a *Ceia infernal*, opereta que nos dizem ser tambem muito digna de vêr-se.

* * *

Nas Variedades *O Processo d'el-rei Dinheiro*, uma fabrica de gargalhadas tem chamado os espectadores em barda. A peça deve ser vista por quem se quer rir.

Está bem vestida e bem posta em scena.

* * *

Na Trindade levou-se o *Espelho da Mentira*, em beneficio do actor Domingos, (*o Mirondella*) do Rasga. A peça que é espectacular e bem enroupada pecca por livre de mais e bem andou o intelligente empresario, attendendo ás suggestões da imprensa, retirando-a da scena.

Ali continua a reinar, em plena florescencia, o *Rasga*.

Porto, 28 de Fevereiro de 1881.

F.